

A lacuna entre E. P. Thompson e Karl Marx*

NICOLÁS IÑIGO CARRERA**

Faz 51 anos, Edward P. Thompson publicou *The Making of the English Working Class* [A formação da classe operária na Inglaterra] (designado a seguir por *The Making*), que teve uma ampla difusão entre os historiadores argentinos que se ocupavam das chamadas “classes subalternas”, com uma leitura “culturalista” similar à assinalada por Badaró (2005) para o Brasil. Para uma parte desses historiadores, essa leitura dava suporte, além disso, a uma rejeição à teoria marxista. A tese deste artigo é que esse ataque encontrou sustentação em uma lacuna que existe entre as formulações de Marx e de Thompson.

As questões da relação indivíduo/classe, da relação entre necessidade e vontade (liberdade) e da necessidade de apreender essa relação para reconstituir o processo histórico mediante o conhecimento científico constituem problemas centrais na obra de Thompson: em que medida as condições objetivas determinam a consciência, o conhecimento, que aqueles que produzem o processo histórico têm da sua realidade?

Sem dúvida, o caso de Thompson é bem diferente do de Charles Tilly, autor muito utilizado por sociólogos e historiadores argentinos do conflito social. Tilly

* Título original: “La brecha entre E. P. Thompson y Karl Marx”. Tradução do original inglês de Nicolás Iñigo Carrera. Tradução brasileira de Elaine R. A. Amorim. Optamos por traduzir as citações com base na versão em espanhol apresentada pelo autor, por isso, ao cotejá-las com as edições brasileiras das respectivas obras mencionadas, o leitor observará algumas diferenças formais que, no entanto, não afetam o sentido geral do texto citado. (N.T.)

** Pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas da Argentina (Conicet). Diretor do Programa de Investigación Sobre el Movimiento de la Sociedad Argentina (PIMSA).

(1978, p.48) é um bom exemplo de como invocar Marx não significa aplicar seu método, substituído por uma construção inspirada principalmente no liberalismo de John Stuart Mill.

No entanto, existe uma lacuna entre a concepção teórico-metodológica que Thompson expõe em *The Making* e a de Marx, assim como entre as enunciações de Thompson, sobretudo as que faz no prefácio do seu livro, e a aplicação destas ao longo da sua exposição; lacunas nas quais as leituras antimarxistas de Thompson na Argentina encontraram seu espaço.

O papel da luta em Thompson e Marx

Thompson define “classe operária” em *The making* dizendo:

A classe aparece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam seus interesses tanto na relação entre eles como na relação contra outros homens cujos interesses são diferentes dos deles (e geralmente opostos). (Thompson, 1991 [1963], p.8-9)

A definição faz referência a três campos de relações vinculados entre si: as relações produtivas, a experiência e a articulação de interesses, que podem se assimilar à consciência de classe. A classe é um processo que surge diretamente vinculado à articulação e à contraposição de interesses.

Num primeiro olhar, pareceria não haver grande diferença entre a definição de Thompson e a que Marx apresenta em sua bem conhecida caracterização do “campeinato parcelar” francês no qual se apoiava Luís Bonaparte:

Na medida em que milhões de famílias vivem sob condições econômicas de existência que as distinguem pelo seu modo de viver, por seus interesses e pela sua cultura de outras classes e as opõem a estas de um modo hostil, aquelas formam uma classe. Uma vez que existe entre os camponeses parcelares uma articulação puramente local e a identidade de seus interesses não engendra entre eles nenhuma comunidade, nenhuma união nacional e nenhuma organização política, não formam uma classe. (Marx, [s./d.], p.100-101)

Sem interesses contrapostos, organização e disposição para a luta não existe classe social no sentido pleno, o que é reafirmado nos parágrafos seguintes, quando Marx se refere, por contraste, ao “camponês revolucionário [...] que luta para sair da sua condição social, [...] que, com a sua própria energia e unida[o] às cidades, quer derrubar a velha ordem [...]” (Marx, [s./d.], p.100-101).

Essa definição de classe social, escrita em 1852 e reafirmada na reedição de 1869 (ou seja, pelo Marx “maduro”, que já havia publicado o primeiro Livro de *O capital*), não fazia mais que repetir o que o mesmo Marx tinha apresentado em 1847:

As condições econômicas transformaram primeiro a massa da população do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para esta massa uma situação comum, interesses comuns. Assim, pois, esta massa já é uma classe com respeito ao capital, mas ainda não é uma classe para si. Na luta [...] esta massa se une, se constitui como classe para si. Os interesses que defende se convertem em interesses de classe. (Marx, 1975, p.158)

Antes, em 1845, Marx e Engels haviam assinalado, a propósito do surgimento da burguesia, que:

Os diferentes indivíduos só formam uma classe quando se veem obrigados a sustentar uma luta comum contra outra classe, pois quanto aos demais, eles mesmos se enfrentam reciprocamente, hostilmente no plano da concorrência [...]. (Marx; Engels, 1968, p.60-61, ênfase nossa)

Para Marx e Engels, as classes sociais se constituem na confrontação: só existem plenamente se, tomando consciência dos seus interesses, lutam contra outras classes. Aqui há uma diferença com a definição de Thompson, em que a luta como tal está ausente e somente é referida a articulação de interesses “diferentes [...] e geralmente opostos”. Para eles, o motor da história é, explicitamente, a luta de classes, mas isso não fica claro no caso de Thompson, ainda que no seu livro descreva várias lutas. Esta é uma lacuna entre as definições de um e outro.

Em uma argumentação posterior, no artigo “Eighteenth-Century English Society: Class Struggle without Class” [A sociedade inglesa do século XVIII: luta de classes sem classes], em que defende a definição de “classe” utilizada em *The Making*, Thompson parece recusar essa lacuna quando enfatiza que “classe, em seu uso heurístico, é inseparável da noção de ‘luta de classes’” e repete Marx quase textualmente:

as classes não existem como entidades separadas, que olham ao seu redor, encontram uma classe inimiga e começam em seguida a lutar. Pelo contrário, as pessoas se encontram em uma sociedade estruturada em determinados modos (crucialmente, mas não exclusivamente, em relações de produção), experimentam a exploração (ou a necessidade de manter o poder sobre os explorados), identificam pontos de interesses antagônicos, começam a lutar por estas questões e no processo de luta se descobrem como classe e chegam a conhecer esta descoberta como consciência de classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas e não as primeiras fases do processo histórico real. (Thompson, 1984, p.37)

Contudo, não é isso o que apresenta em *The Making*, no qual a análise se centra mais no âmbito das ideias do que na própria luta. Na sua definição, Thompson introduz o elemento que é central no seu corpo teórico: a “experiência”, as

“experiências comuns”. Tampouco aqui ele parece distanciar-se muito de Marx (quando fala em “seu modo de viver, seus interesses e sua cultura” e remete estes às condições econômicas). No entanto, Marx e Engels explicam que:

[...] a classe se substantiva, por sua vez, frente aos indivíduos que a formam, de tal modo que estes se encontram já com suas condições de vida predestinadas, por assim dizer; eles se encontram com a classe determinando sua posição na vida e, com isso, a trajetória do seu desenvolvimento pessoal; se veem absorvidos por ela. [...] Esta absorção dos indivíduos pela classe desenvolve-se até se converter, ao mesmo tempo, em uma absorção por diversas ideias etc. (Marx; Engels, 1968, p.60-61)

Na teoria do socialismo científico, o conceito de “classe social” remete a dois âmbitos indivisíveis na realidade, mas distinguíveis para os fins da análise:

- 1) o das relações estabelecidas na produção e reprodução da vida material, designadas pela divisão do trabalho, a posição a respeito da propriedade das condições materiais de existência e da função na produção; e
- 2) o da luta para realizar os interesses dos grupos sociais conformados por aquelas relações, pela qual os indivíduos tomam *consciência* – diferentes graus de consciência –, ou seja, de um conhecimento mais ou menos aproximado de algum aspecto ou da totalidade de sua situação objetiva.

A formação da classe operária

Como dissemos, Thompson faz referência a três campos de relações vinculados entre si: as relações produtivas, a experiência e a articulação de interesses. Que peso atribui a cada um desses campos em *The Making?* Se bem que as referências à fábrica e aos ofícios são constantes, não há uma descrição exaustiva das relações produtivas. Talvez porque Thompson dê por certo que, existindo abundante pesquisa sobre a Revolução Industrial e as relações produtivas que surgem com ela, não é necessário se deter em descrevê-la.

No entanto, à medida que desenvolve seu argumento, as relações produtivas e as condições objetivas vão, em geral, perdendo espaço. Cada refutação de uma visão economicista parece confirmar que o movimento da produção material é secundário para explicar os processos históricos. Embora a referência às condições objetivas esteja presente sempre na sua crítica ao marxismo vulgar, ao mecanicismo – “A formação (*making*) da classe operária é um fato de história política e cultural, tanto como de história econômica” – Thompson acaba enfatizando o aspecto político-cultural.

Ao afirmar que, “como as relações de classe e a consciência de classe são formações culturais, nunca são tão definidas ou nunca o são de fato [...]” (Thompson, 1991, p.937), ele deixa de lado a existência de uma classe para o capital; nas suas palavras “[... homens que estão em uma certa relação com os meios de produção]”.

Porque, para ele, implícita ou explicitamente, não existe a “classe em si” ou a “a classe com respeito ao capital”, como a denomina Marx em *Miséria da filosofia*. Thompson realiza no prefácio a artimanha de assimilar a existência objetiva da classe operária com uma “coisa”: “Assume-se que ‘esta’, a classe operária, tem uma existência real, que pode ser definida quase matematicamente – uma quantidade de homens que estão em uma certa relação com os meios de produção” (Thompson, 1991, p.9). Ao afirmar que a classe não é um número, o que é correto, rejeita ao mesmo tempo: 1) o fato de que uma parte da humanidade tem em comum a condição de expropriada das suas condições materiais de existência e só pode obter seus meios de vida sob a forma de salário (obtenha-o ou não) e, nesse sentido, é uma classe social, constituída por e para o capital ainda que não para si; quando argumenta que, no momento da articulação de interesses, o que se vê são diferentes trabalhadores (ou ofícios) que nada têm em comum, não está levando em conta a comum situação objetiva de expropriados; 2) a possibilidade de uma medição rigorosa do peso que objetivamente essa parte da humanidade tem em uma sociedade determinada.¹

Com o argumento de evitar a “substituição” política da classe pelo partido, pela seita ou pelo teórico, Thompson dá passagem para a negação das condições objetivas em que se encontra a classe operária (exploração e opressão) como lugar de sua tomada de consciência possível, ainda que ele mesmo não caia nessa negação.

Na definição de Thompson, as experiências partilhadas são as que articulam os interesses e assim é como a classe “ocorre”. A “experiência” é central no seu corpo teórico:

A experiência de classe está amplamente determinada pelas relações produtivas nas quais os homens nascem ou entram involuntariamente. A consciência de classe é a maneira como essas experiências são manejadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionalizadas. Se a experiência aparece determinada, a consciência de classe não. Podemos ver uma lógica nas respostas de grupos ocupacionais semelhantes que passam por experiências similares, mas não podem postular nenhuma lei. A consciência de classe surge da mesma maneira em diferentes tempos e lugares, mas nunca exatamente da mesma maneira. (Thompson, 1991, p.9)

As experiências medeiam a situação em que se encontram os trabalhadores e a aparição da classe. No que consistem essas experiências? Existem experiências de todo tipo, mas em sua maioria, desde o início do livro, com “A árvore da

¹ Contrapostos a essa concepção de Thompson estão os “cânones práticos de pesquisa e de observações particulares” propostos por Gramsci para a análise de situações, nas quais “a relação de forças sociais [...] objetiva, independente da vontade dos homens [...], pode ser medida com os sistemas das ciências exatas ou físicas” (Gramsci, 1986, p.65-76).

liberdade”, que remete ao âmbito das ideias políticas e religiosas presentes no momento da Revolução Industrial, refere-se ao mundo das ideologias, dos ideais, ainda que também existam referências às condições de vida e de trabalho: o capítulo que se chama, justamente, “Standards and Experiences” trata das condições em que se desenvolve a vida.

A medida que o livro avança, Thompson vai descrevendo distintos fatos que conformam a rebelião dos operários. Mas novamente aqui a análise está colocada no mundo das ideias, o que pensavam os diferentes líderes e organizações. As próprias ações, ainda que de nenhuma maneira ausentes na descrição, estão apresentadas em um plano secundário. Mais que luta de classes, o que o livro apresenta é a história de pequenos grupos ou inclusive de indivíduos. As massas e a própria classe aparecem ocasionalmente, mas o grosso do livro é uma história de seitas, religiosas ou políticas, triunfantes ou derrotadas, que são o fio condutor das ideias de mudança que iriam formando a consciência da classe operária. E o que se registra, às vezes criticamente, é o que os protagonistas dizem, mais do que o que fazem, o que limita o campo de observação.

Não é, com certeza, o que Thompson fez quando postulou a noção de “economia moral da multidão” ao pesquisar as “revoltas da fome” do século XVIII, um enfrentamento social concreto, que atendeu não apenas ao que os plebeus diziam, mas também ao que faziam. Essa noção resulta enriquecedora para a análise das concepções do mundo que se expressam nas lutas populares, sobretudo se for complementada com a contribuição de George Rudé sobre a combinação de “ideias inerentes” e “ideias derivadas” (Rudé, 1981, p.32-48). Thompson valoriza a cultura popular como algo próprio dos plebeus, ou seja, como uma forma ideológica própria. Para Thompson, do mesmo modo que para Gramsci,² não existem ações que sejam uma pura reação mecânica ao movimento da economia.

É certo, evidentemente, que os motins de subsistência eram provocados pelos preços que subiam vertiginosamente, por práticas incorretas dos comerciantes, ou por fome [...]. Mas esses agravos operavam dentro de um consenso popular quanto a quais práticas eram legítimas e quais ilegítimas na comercialização, na elaboração do pão etc. Isso estava, por sua vez, baseado em uma ideia tradicional das normas e obrigações sociais, das funções econômicas próprias dos distintos setores dentro da comunidade que, tomadas em conjunto, pode-se dizer que constituíam a “economia moral dos pobres”. Um atropelo a esses supostos morais, tanto como a privação em si constituíam a oportunidade habitual para a ação direta (Thompson, 1979, p.65-55).

2 “[...] não existe na história a espontaneidade ‘pura’, pois coincidiria com a mecanicidade ‘pura’. No movimento ‘mais espontâneo’, os elementos de ‘direção consciente’ são simplesmente incontáveis, não deixaram evidências comprováveis” (Gramsci, 1990, p.73).

Mas, além dessa contribuição, Thompson retrocede em relação à exposição de Marx e Engels, tanto na sua definição de classe operária em *The Making* como também se comparado o desenvolvimento do livro com as análises, realizadas por Marx e Engels, de casos concretos de lutas, como *A luta de classes na França, O 18 brumário de Luis Bonaparte* e *A guerra camponesa na Alemanha*; porque em sua exaltação da experiência Thompson deixa de lado a classe em si, pois a luta é, para ele, uma resultante e não motor do movimento, não é causadora, mas sim consequência. A experiência que resume todas as experiências é a experiência de luta. Porque é ali que se manifestam toda a história de uma classe e como ela se conhece – sua consciência. De nada serve saber o que dizem os operários se não tomamos como principal elemento observável como lutam.

Para Thompson, os momentos de crise não são bons para observar porque são excepcionais: é difícil observar os pensamentos das maiorias desarticuladas [*“the inarticulate”*]: “Temos lances nos momentos de crise, como os *Gordon Riots*, mas não são a situação típica” (Thompson, 1991, p.59). É justamente isso o que Thompson perde de vista: os momentos de crise, do combate decisivo, que, como advertiu Engels, são os momentos de síntese, em que a história se acelera e todos os processos se concentram. Quando a luta se agrava, torna-se observável o que até esse momento permanecia encoberto e podemos conhecer a consciência das classes sociais em ação, e não somente no discurso. O que possibilita esses momentos é o que as classes estão dispostas a fazer, o que sua consciência da situação lhes indica sobre qual caminho seguir, não importando o que digam nem o que acreditam que fazem.

Cabe também outra crítica: ao considerar a luta como resultado e não como o elemento constitutivo da classe, Thompson perde de vista os processos de constituição, decomposição e recomposição das classes. Para ele, há um momento no qual “em um sentido a classe não está se formando, mas já está formada” (Thompson, 1991, p.887). E então, paradoxalmente, coisifica a classe. Enquanto exista capitalismo, a classe operária não termina de se constituir, ao menos no seu sentido pleno, que significaria, ao mesmo tempo, o desaparecimento de todas as classes. Quando a classe operária inglesa já está constituída como tal, segundo Thompson em 1831-1832, e adquire continuidade e existência em longo prazo, ela o está apenas no sentido de tomar consciência de sua condição de assalariada, o que a leva a lutar por reformar o sistema político e melhorar sua situação como assalariada dentro dele. A tomada de consciência de sua condição de expropriada, que a levaria a buscar a eliminação da propriedade privada individual e a imposição da propriedade coletiva é um processo que, longe de ser contínuo, se faz presente, desaparece e reaparece ao longo da história.

Em síntese, se as afirmações metodológicas de Thompson o colocam na trilha de Marx e Engels, a colocação em prática destas em *The Making* o põe em outro caminho, que deu passagem para leituras culturalistas ou recortadas do mundo

das ideias ou dos partidos, mais do que das lutas da classe operária, em particular suas ações de confrontação direta.

Thompson na Argentina

A difusão da obra de Thompson ocorreu sobretudo a partir da década de 1980, quando o fim do governo militar abriu as portas da cátedra universitária para duas vertentes rivais: o Programa de Estudos de História Econômica e Social Americana (PEHESA) e o Centro de Estudos de História Operária (CEHO).

O PEHESA nutria-se da geração formada uns vinte anos antes na corrente da História Social, ligada à Escola dos *Annales* e influenciada pelo marxismo, embora reticente a assumi-lo como teoria; na nova etapa, utilizaram a obra de Thompson para criticar a teoria do socialismo científico, reduzida por eles a um economicismo vulgar, e para empreender o trânsito para o liberalismo republicano que postulam hoje. Conscientes ou não disso, sua leitura, que negava as lutas operárias, não foi politicamente inocente e enquadrou-se, especificamente, no campo intelectual, na ofensiva capitalista encabeçada pelo capital mais concentrado em nível mundial para combater as lutas operárias e os processos de libertação nacional e social que recorriam o mundo desde os anos 1950.

O CEHO estava formado por jovens historiadores, rivais dos anteriores no mundo universitário, porém que coincidiam nas bondades da “profissionalização” dos historiadores (Iñigo Carrera, 2000), já que quase todos os seus membros proclamavam-se marxistas, mas analisavam a história da classe operária muito mais como uma história de grupos e partidos que das próprias lutas.

O êxito de Thompson como modelo na Argentina parece exagerado em relação a sua contribuição: a economia moral da multidão. Ele só é explicável se for considerado dentro das margens da corporação acadêmica que, em geral, desconhece os escritos de Marx, Engels e seus continuadores. Talvez seja explicável também pela formação economicista que tendeu a predominar entre os historiadores vinculados aos partidos de esquerda nas décadas de 1950 e no economicismo caricatural que os inimigos do socialismo atribuíram a Marx.

Referências bibliográficas

- BADARÓ MATTOS, M. E. P. *Thompson no Brasil*. 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m5c4.pdf>.
- GRAMSCI, A. Análisis de las situaciones. Relaciones de fuerzas. In: _____. *Cuadernos de la cárcel*: Notas sobre Maquiavelo, sobre política y sobre el estado moderno. México: Juan Pablos Editor, 1986.
- _____. Espontaneidad y dirección consciente. In: _____. *Obras*. México: Juan Pablos, 1990, t.5.
- IÑIGO CARRERA, N. Investigación en Historia ¿Disciplina científica o corporación profesional? Río Gallegos: Contraviento, 2000.

- MARX, K. *El 18 brumario de Luis Bonaparte*. Moscú: Progreso, s/data.
_____. *Miseria de la filosofía*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1975.
_____; ENGELS, F. *La ideología alemana*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1968.
RUDÉ, G. *Revolución popular y conciencia de clase*. Barcelona: Crítica de Grijalbo, 1981.
THOMPSON, E. P. *The Making of the English Working Class*. London: Penguin Books, 1991.
_____. La sociedad inglesa del siglo XVIII: ¿Lucha de clases sin clases? In: _____. *Tradicón, revuelta y conciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad pre-industrial*. Barcelona: Crítica, 1984.
_____. La economía “moral” de la multitud en la Inglaterra del siglo XVIII. In: _____. *Tradicón, revuelta y conciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad pre-industrial*. Barcelona: Crítica, 1979.
TILLY, Charles. *From Mobilization to Revolution*. New York: Random House, 1978.

Resumo

The Making of the English Working Class, de Edward P. Thompson, foi utilizado por historiadores argentinos como código antimarxista. A tese deste artigo é que esse ataque encontrou sustentação em uma lacuna entre a concepção teórico-metodológica a respeito das classes sociais e da luta de classes em Thompson e em Marx.

Palavras-chaves: Thompson; Marx; classes sociais; lutas de classes.

Abstract

The gap between E.P. Thompson and Karl Marx

The Making of the English Working Class was used by Argentinian historians in an antimarxist key. This article asserts that this attack found its space in the gap between Thompson's and Marx's theoretical and methodological thought about social classes and class struggle.

Keywords: Thompson; Marx; social classes; class struggle.